

XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

O Poder do Pai: Paternalismo na política varguista-peronista e o riso de Divito e Chichorro.

Botton y Fernando Bagiotto.

Cita:

Botton y Fernando Bagiotto (2013). *O Poder do Pai: Paternalismo na política varguista-peronista e o riso de Divito e Chichorro*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/650>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

O Poder do Pai: Paternalismo na política varguista-peronista e o riso de Divito e Chichorro

Fernando Bagiotto Botton¹

Resumo

O presente projeto propõe um trabalho de comparação entre os carismáticos discursos utilizados pelo varguismo e pelo peronismo para legitimar um poder político que chamaremos de “paternalista”, já que estavam baseados numa moral masculina, viril, trabalhista, católica e sobretudo familiar. Tal carisma contribuiu para que o espaço público da política se inserisse na esfera privada do lar e vice versa, uma vez que as figuras de Vargas e Perón foram popularizadas enquanto grandes chefes de família e pais da nação. Em contraface, estudaremos as charges do curitibano Alceu Chichorro e do portenho Guillermo Divito que representaram a vida privada dos homens da época e ridicularizaram os ideais varguistas e peronistas através do riso e do escárnio aos mesmos valores paternos da harmonia, moralidade e confiança na figura do pai/chefe. Dessa forma temos por objetivo estudar o estabelecimento de uma tensão discursiva e emotiva entre os entusiastas e críticos dos valores paternos no Brasil Varguista e na Argentina Peronista. Portanto, propomos um estudo interdisciplinar que transita pelas fronteiras dos estudos de gênero, masculinidade, história, psicanálise, artes gráficas e política.

Palavras chave: Paternalismo, Quadrinhos, Política.

Resumen

Esta comunicación propone una comparación entre los discursos utilizados por el varguismo y por el peronismo para legitimar un poder político que llamamos "paternalista", ya que se basa en una moral masculina, viril, laboral y la familiar sobre todo católico. Tal carisma ayudó a la política de espacio público a entrar en una esfera privada del hogar y viceversa, ya que los personajes Perón y Vargas fueron conocidos como grandes cabezas de familia y los padres de la nación. Por otro lado, vamos estudiar las caricaturas del brasileño Alceu Chichorro y de lo porteño Guillermo Divito que representaban las vidas privadas de los hombres de la época y chisteaban los ideales varguistas y peronistas por medio de la risa y el desprecio a los mismos valores de armonía parental, la moral y la confianza en la persona de padre/jefe. Por lo tanto, tenemos que estudiar la creación de una tensión discursiva y emocional entre los aficionados y los críticos de los valores paternos del Brasil varguista y de la Argentina peronista. Por lo tanto, proponemos un estudio interdisciplinario que se mueve a través de las fronteras de los estudios de género, la masculinidad, la historia, la psicología, las artes gráficas y la política.

Palabras Llave: Paternalismo, Cómics, Política.

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (Brasil) na linha de pesquisa “Intersubjetividade e Pluralidade, Reflexão e Sentimento na História”. Esse estudo é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: fernandobotton@gmail.com
Estudiante de doctorado por la Universidad Federal do Paraná - UFPR (Brasil) en la línea de investigación “Intersubjetividad y Pluralidad, reflexión y sentimiento en la historia”. Este estudio está sendo financiado por la Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior (CAPES). Email: fernandobotton@gmail.com

Os grandes pais da nação – O Brasil varguista e a Argentina peronista.

A historiografia mais tradicional que trata da década de 30 classificou o Brasil como uma “República Velha”, especialmente ao constatar o “*domínio das oligarquias retrógradas e decadentes, dos políticos corruptos, do processo eleitoral fraudulento, da política de exclusão, fenômenos que se agravaram com a crise de 1929 sobre a economia brasileira*” (CAPELATO, 2009:56). Nessa mesma época a Argentina passava pela chamada “*década infame*” “*definida pela atuação das oligarquias ‘vende-pátria’, pelo domínio do imperialismo britânico, pela política de fraudes eleitorais e pela presença ameaçadora de massas sem liderança na sociedade*” (CAPELATO, 2009:56). Em meio a tal contexto de crises econômicas, unido às ressonâncias da política fascista europeia, aconteceram inúmeros conflitos e reviravoltas na política brasileira e argentina. O resultado desse episódio foi a chamada “Revolução de 1930”, onde Getúlio Vargas subiu ao poder como presidente do Brasil e dezesseis anos depois Juan Domingo Perón foi eleito ao cargo de presidente da República Argentina, o primeiro durou 15 anos no comando da nação e o segundo se reelegeu por dois mandatos consecutivos (PRADO, 2009: 09-16).

Para manterem-se no poder por tanto tempo, o varguismo e o peronismo² não poderiam se utilizar apenas da repressão e da violência de Estado, tiveram de se valer de inúmeras estratégias discursivas, sentimentais e propagandísticas para seduzir a grande massa em prol de suas causas³, o próprio Perón define uma metodologia para tal empreitada: “*Temos que eleger um homem dos nossos e focalizar sobre ele os refletores. O trabalho seguinte consiste em torná-lo simpático. Isso é muito fácil, basta que apareça respaldando todas as disposições que repercutem favoravelmente na população*” (PERÓN apud SEBRELI, 1985: 63). Dessa forma, Vargas e Perón foram apresentados como os homens que trouxeram a “revolução” para o país, enfatizou-se o caráter popular, nacionalista e majoritariamente viril nos discursos de ambos os presidentes em detrimento de um passado considerado elitizado e feminilizado (CAPELATO, 2009). Assim, a ascensão e a manutenção do poder político foi legitimada pela utilização de carismáticos discursos e símbolos que apresentavam Vargas e Perón como os *homens fortes* que a república-mulher teria necessitado desde sua

² Preferimos a utilização dos termos “varguismo e peronismo” ao invés dos substantivos Vargas e Perón por considerarmos que tratou-se de uma política que foi muito além da figura dos presidentes. Trata-se de um complexo emaranhado de interesses provenientes de diversas instituições jurídicas, militares, religiosas e econômicas, além dos inúmeros grupos sociais que também atuaram e defenderam a manutenção desses regimes.

³ Mesmo que nesse projeto traçaremos diversas linhas de comparação entre ambos os governos é evidente que o varguismo e o peronismo não operaram da mesma forma. Assim, o conceito de “populismo” por sua generalização se mostra pouco fértil já que deixa escapar as particularidades de cada regime (CAPELATO, 2001). Nesse projeto, o exercício de aproximação entre o varguismo e o peronismo tem caráter puramente instrumental, ainda que evitamos suprimir as singularidades de cada um.

proclamação, mais ainda, que essa união matrimonial-sagrada entre o líder viril e a feminina república haveria de transformar a nação em uma família, onde o presidente seria o grande pai das infantess massas⁴. O estudo de Alcir Lenharo nos mostra o quão forte foi a articulação ideológica entre a política varguista e a teologia católica, que gerou o que chama de “*sacralização da política*” onde “*é possível perceber uma projeção da pessoa de Getúlio a um plano de divinização [...] corresponde á imagem do Pai, que vela e protege pelos filhos, imagem que recebe seu acabamento principal na figura do grande legislador social.*” (LENHARO: 1986: 194). Nas cartilhas da época são muito expressivas as conexões entre estereótipos políticos e familiares:

Se todos os brasileiros são irmãos, o Brasil é uma grande família. Realmente, é uma grande família feliz. [...] O chefe de governo é o chefe do estado, isto é, o chefe da grande família nacional. O chefe da grande família feliz... Getúlio Vargas é um homem que sorri. Sorri porque tem confiança no Brasil. Todos os Brasileiros devem ter confiança no Brasil. Getúlio Vargas é o chefe nacional. (DNP, 1938: Lição 3)

O presidente é aqui apresentado simultaneamente como líder nacional e como pai de família, numa hierarquia que o põe em dupla posição de poder, de acordo com postos estritamente masculinos. O caso mais evidente dessa conexão é encontrado no livro “*Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões*” de Gastão Pereira da Silva, um dos primeiros psicanalistas brasileiros e grande defensor da política de Vargas, que comenta:

Segundo Freud, do *inconsciente pessoal ao inconsciente de massas*, não há mais que a extensão dêste entre o indivíduo e seu grupo, que é a família [...] Nas multidões, quanto nas famílias, todos nós queremos ser iguais; Há, por isso, necessidade de um chefe e do domínio deste sobre o grupo [...] Do amor a esse chefe derivam todas as exigências e objetivos do indivíduo. O chefe, por sua vez, seria o pai, que ama igualmente a todos os seus. E a pátria, a mãe comum. (1938: 07-12).

É recorrente essa conexão que o psicanalista estabelece entre a esfera familiar e a esfera política a partir da figura do chefe da nação ou do pai da grande família. Desta forma as prerrogativas de gênero são utilizadas para tratar de um homem que haveria de pôr em ordem tanto a política quanto o lar do povo brasileiro. Assim Silva segue demonstrado uma série de *complexos* pelos quais os filhos da nação padeciam pela ausência do pai/chefe, e relata como Getúlio Vargas brilhantemente soube tratar dessas patologias.

Com a Argentina o caso foi semelhante, segundo Mariano Ben Plotkin houve um grande esforço de articulação entre o peronismo e o cristianismo, numa configuração onde a ideia de nação se referia á lealdade ao estado, que por sua vez se transformou em lealdade ao peronismo, que conseqüentemente significava lealdade a Perón, o representante de Deus e Pai

⁴ Tal argumento é análogo ao ideário fascista estudado por Wilhelm Reich em “*Psicologia de Massas do Fascismo*” (1972), conferir o capítulo “*A ideologia autoritária da família na psicologia de massas do fascismo*”.

da nação⁵ (1994). Para completar a sacralidade desses valores, a parceria afetiva e política com Eva Duarte é ainda mais alusiva ao caráter paterno e familiar do poder do presidente:

A imagem divinizada do líder era ainda mais forte na Argentina. Seu poder aí se reforça com a presença da figura feminina; o poder feminino associado à natureza purificadora e redentora da sociedade, tão bem representado pela primeira-dama Eva Perón, complementa o poder masculino, político, de salvador da pátria, encarnado no chefe de Estado, Juan Domingo Perón [...] identificado com Jesus (CAPELATO, 2009: 283).

Novamente a viril figura masculina é articulada para reforçar a ideia de um poder que se embasa na moral inquestionável do grande seio familiar, onde a máscula figura do pai dá as ordens por incumbência divina. Tal relação era ensinada para as crianças, que desde sua alfabetização aprendiam o amor pelas duas famílias:



(In: VIDELA, 1953: 7-8)

Percebemos que o argumento dessa cartilha é do âmbito da afetividade entre os filhos e os pais/líderes, num intuito de mesclar a esfera pública da política com a esfera privada da família. Nesse emaranhado o poder do estado deixa de ser burocrático, lógico-racional, laico e questionável para entrar na esfera do pessoal, sentimental, sagrado e por isso mesmo, inquestionável do ponto de vista político. Desta forma, as ações empreendidas por Perón ou mesmo por Vargas não poderiam ser vistas de acordo com um exercício do político, mas antes como gesto afetivo, um favor pessoal e paterno que configurou um mecanismo de governo que chamaremos *paternalismo*. Segundo Martins

o gênero é o discurso que organiza essa concepção de poder [...] numa longa tradição filosófica [onde] o poder é identificado a uma força agregadora, racional e produtiva que não é extensiva a todos os seres humanos, [...] é atributo dos homens, como uma qualidade masculina. [...] o elo social tem uma origem igualmente natural na família e no poder dos maridos e pais, mais fortes e racionais, capazes de saber o que é melhor para seus descendentes. (MARTINS, 2010: 180).

⁵ Para Freud as figuras do pai e de Deus são psicanaliticamente equivalentes e se referem à ideia de poder (2006).

A autora também enfatiza que “em alguns países, como é o caso do Brasil da Era Vargas as políticas foram francamente paternalistas” (MARTINS, 2010: 182). Essa comparação do líder como um grande pai trouxe muitas vantagens políticas aos regimes varguista e peronista, assim como a própria ideia de Estado-família ordenada por um braço forte que emana a paz e a harmonia inerentes ao funcionamento de uma sociedade. Isso era um apelo estratégico para os dois regimes que buscavam se manter no poder e controlar a sublevação das “massas irracionais”. Sob esse argumento também se desenvolveu uma política pública de amparo às massas, especialmente aos trabalhadores, aos quais o “pai dos pobres” e “el padre de los descamisados” implementaram legislações trabalhistas, planos de assistência à saúde, educação e habitação populares. Para Angela de Castro Gomes este tipo de políticas públicas “atestavam o vínculo entre a pessoa do presidente e as ‘experiências imediatas das massas’ [...] o projeto permitia a inserção do povo no cenário político sob o controle, ao mesmo tempo científico e pessoal do Estado-presidente” (2007: 252), trata-se de um regime onde as ações políticas do estado são compreendidas como dádivas de um pai bondoso que deve ser respeitado e amado por todos, tornando a pátria *uma família feliz*. Desta forma as ideias de paternidade, família, ordem, coesão, conjunto e patriotismo eram enfatizadas:

O menino sabe o que é uma divergência? Não, o menino não sabe. Já viu uma briga entre irmãos? Pois isso é uma divergência. Todos os brasileiros são irmãos. O Brasil não quer que seus filhos, irmãos brasileiros, briguem uns com os outros. O Brasil não quer coisas feias. O Brasil não quer divergências. Aí está mais uma razão pela qual O BRASIL É BOM (DNP, 1938: L. 2)

O argumento foge do campo da política e entra para uma esfera moral e sentimental, para a manutenção da ordem nacional foi fundamental que se ensinasse didaticamente os cidadãos a serem pacíficos e dóceis aos poderes do estado e do chefe, acima de tudo, se fazia mister que os governados vivessem cotidianamente de acordo com o padrão de conduta familiar, por isso a ênfase dos dois regimes na manutenção da família em moldes católicos, que passou a ser o cerne do sistema político-econômico do Justicialismo peronista:



(Las Tres Posiciones Ideológicas. In: LA NACIÓN ARGENTINA, 1950: 470)

No quadrante superior esquerdo é apresentada a imagem do capitalismo, onde o burguês se apodera do lucro enquanto o povo é escravizado; do lado superior direito vemos a alegoria do comunismo, onde o ditador obriga seus governados a entregarem seus bens em favor do partido. Abaixo, é apresentada a *tercera via justicialista*, onde o trabalho e o dinheiro são destinados à família em seu seio de carinho e aconchego do lar. Para que tal sistema família-estado fosse bem sucedido e se mantivesse na completa paz social foi necessário que houvesse o espelhamento emocional entre a figura do líder da nação e a imagem do pai de família. Assim, não apenas um novo projeto de política foi apresentado, mas também uma nova forma de conduta, de subjetividade, onde os valores da harmonia doméstica, do trabalho e do domínio masculino foram insistentemente incentivados pelos discursos políticos:

O Presidente é um homem modesto, de vida simples [...] ele é também um operário: o operário da grandeza nacional. [...] Ele é o homem mais ocupado do país. Homem a quem não sobra a menor parcela de tempo. O chefe da nação é um exemplo de atividade para todos os brasileiros. Todos os brasileiros devem ser trabalhadores como o presidente. (DNP, 1938: L. 2)

Neste argumento delimitam-se os valores de um *novo homem nacional* à imagem do presidente, que apenas é cidadão se estiver marcado pela insígnia da família e do trabalho, num misto entre público e privado que muito favoreceu a manutenção de um longo regime político/repressivo. Em uma cartilha escolar Argentina podemos encontrar os seguintes bordões peronistas: “*Deus mandou trabalhar. Perón trabalha. Papai trabalha. Eu trabalho. Todos trabalham [...] Nosso presidente é o primeiro trabalhador*” (Apud CAPELATO, 2009: 205). Percebemos aqui um ideário em que o trabalho é considerado enobecedor e sagrado, um mandamento divino de linhagem masculina, configurando um sistema de poderes garantidos por uma ordem de gênero paternalista. Dessa forma as condutas, as atitudes e os hábitos que se esperam do homem são delimitados de maneira a entrarem neste esquadro de poderes hierarquicamente paternos, onde a manutenção desta ordem é fundamental para a sustentação do próprio discurso e da própria política varguista e peronista. É exatamente a figura cristã, masculina e familiar de um grande líder que haveria de conectar o poder sagrado ao terreno e manter de pé a política paternalista que pilastra o “Estado Novo” no Brasil e o Estado “justicialista” na Argentina.

Ora, se o plano da política estatal invadiu a privacidade do lar, então a menor forma de desarmonia em qualquer uma dessas esferas havia de ser considerada um ataque direto a todo o conjunto de ideias que sustentava o ideário varguista e peronista. Assim, os detratores da pátria e da família foram considerados filhos ingratos, que não privilegiaram a visão coesa da harmonia nacional:

Só não são úteis à pátria os ociosos, os derrotistas e os boateiros. Esses são inimigos da Pátria. Ocioso é o que não trabalha. Derrotista é o que diz que o Brasil não é bom. É mentiroso, e mentiroso também é o boateiro, que conta histórias falsas com o simples intuito de provocar dissídios no seio da grande família feliz dos brasileiros. Esses são maus brasileiros. (DNP, 1938: L. 10)

Nesses mesmos termos são definidos os intelectuais que apresentavam visões contrastantes à harmônica ordem estatal/familiar na Argentina, nas palavras do próprio Perón “*por más extraordinario que sea el talento creador de los hombres hay que saber sujetar-se al modulo nacional.*” (PERÓN, 1974: 46). Segundo Capelato, no ano de 1938 o “Estado Novo” proibiu estritamente a publicação “*de livro que, de qualquer forma, atentasse contra a unidade, a independência e a honra nacional [...] eram negados, enfaticamente, o ateísmo, os conflitos sociais e outras ideias consideradas prejudiciais [como] qualquer afirmação ou sugestão que induzisse ao pessimismo*” (2009: 232-233). Em ambos os países, qualquer tipo de conflito ou profanação da sagrada harmonia nacional/familiar era considerada uma afronta antivarguista ou antiperonista havendo de ser reprimida sob possibilidade de causar prejuízos morais ao Estado nacional e ao bom funcionamento da ordem social. Em meio a tal panorama de censura resta-nos perguntar: quem e de que forma se questionaria a autoridade sacropolítica, afetiva e sentimental dos grandes pais da nação?

Segundo Saliba (2006) a charge e seu humor foram veículos privilegiados para o exercício de uma crítica política que constantemente se esquivou da censura de Estado justamente por seu caráter privado, jocoso e bem humorado. Sob tal constatação podemos encontrar esse mesmo formato de crítica nos quadrinhos de Alceu Chichorro (1896-1977) e Guillermo Willy Divito (1914-1969), que souberam explorar com propriedade os recônditos do cômico na vida privada brasileira e argentina do período. Segundo Accorsi, Divito “*era un playboy. Amaba la buena vida y viajaba, coleccionaba autos y fue dueño de un par de boliches bailables [...] era un solterón, un personaje consagrado por trajinar la noche porteña*” (2006: 12), de valores liberais e elitistas, Divito tinha uma postura de feroz oposição ao peronismo, especialmente enquanto editor da revista humorística *Rico Tipo*, considerada abertamente “antiperonista” (CAPELATO, 2009: 325). Já Chichorro, menos abastado e libertino que o colega portenho “*soube utilizar-se das charges e caricaturas para satirizar as manobras dos parlamentares de altos cargos no então cenário nacional, como Getúlio Vargas [...]*” (BAHLS; BUSO, 2009: 169), por esse perfil contestador o chargista foi inúmeras vezes perseguido e processado por seus quadrinhos considerados subversivos para a época (BÓIA, 1998). Podemos considerar Chichorro e Divito como exemplos daquilo que a propaganda varguista classificava como “*boateiros, mentirosos e pessimistas*” ou que o peronismo chamava de “*insubmissos e vende-pátria*”, uma vez que ambos se voltaram contra o regime de seu país e criticaram veementemente a política nacional através da sofisticação de um humor que ridicularizava a sacralidade do poder do pai e da família.

Os trabalhos já realizados sobre a crítica dos quadrinhos à política de Vargas e Perón⁶ pouco estudaram sobre a imbricação das esferas pública e privada e os ideais de paternalismo em ambos os regimes, então é exatamente nas charges que riem politicamente das figuras familiares, masculinas, ordeiras, trabalhadoras e pacíficas que encontraremos as simbologias de maior impacto contestatório, uma vez que elas abalaram as estruturas de sustentação discursiva e emocional do poder dos dois líderes nacionais. Em outras palavras, nossa concentração será voltada para um humor que gargalha das relações cotidianas, parentais, afetivas e trabalhistas; que zomba das convenções sacralizadas da família dispostas pela estrutura católica e paternalista do gênero. Isso pode ser claramente observado no quadrinho “El otro yo del Dr. Merengue” de Divito, que utiliza como personagem um típico exemplar da fauna urbana que se desenvolveu a partir dos processos de modernização argentinos (SARLO, 2010), um distinto e esforçado homem de família que cumpre hermeticamente seus bacharelescos afazeres e assim que o expediente acaba retorna para o conforto do lar em que é provedor. Sem dúvida é o tipo de conduta masculina incentivada pelo regime peronista. Porém, o “Dr. Merengue” possui um “outro eu” interior, que não se manifesta, mas que contraria intimamente os desejos masculinos/machistas do Dr. Merengue. Condutas que o cavalheiro deseja realizar e que sua autocontenção o obriga a reprimir⁷:



(El Otro Yo del Dr. Merengue. In: NUEVA BIBLIOTECA CLARÍN DE LA HISTORIETA, 2006: 51)

A relação entre família e trabalho, prioridades máximas para a boa rotina peronista aparecem como as causas de maior tensão, de forma que no segundo quadrinho o “outro eu” se volta contra o Dr. Merengue para protestar por suas diversões mundanas. Assim é apresentada a tragicômica relação de esquizofrenia do personagem consigo mesmo, com sua condição social, sentimental e pessoal. Sua relação com a família, núcleo duro do paternalismo peronista era marcada *“ante todo [por] una declinación evidente de las*

⁶ Podemos destacar os estudos de MAGALHÃES (2007), NOGUEIRA (2005), GONÇALVES; SENA; MIRANDA (2009), BURKART (2011), PIÑERO (2007) e SALIBA (2006).

⁷ A referência de Divito à psicanálise freudiana é clara uma vez que o Dr. Merengue é “civilizado”, portador de superego absolutamente internalizado e atuante. Porém, seu “outro eu” é de uma ordem desejante, que confunde o ego ao inconsciente pulsional. Cf. (BOTTON, 2012).

convicciones morales y religiosas” (PIÑERO, 2007: 75), numa tensão estabelecida no interior de personagens masculinos, infiéis, corruptos, temerosos e submissos ao mando das mulheres:



(El Otro Yo del Dr. Merengue. In: NUEVA BIBLIOTECA CLARÍN DE LA HISTORIETA, 2006: 53)

Podemos perceber que as relações de gênero, masculinidade e família estão muito longe de ser aquelas esperadas de um homem religiosamente justo. Ora, se os homens fossem assim débeis, submissos e infiéis, então como o poder masculino sustentaria uma política que se baseia em uma moral paternalista? Os casos de luta entre casais, traição, infidelidade e conflitos dos mais variados tipos acabam manchando a tradicional imagem do imaculado aconchego do lar, pondo obstáculos à propaganda *justicialista* que insistia no argumento da pureza da família como a microcélula da harmonia nacional. Nesse sentido a revista *Satiricon* publicou uma referência direta ao próprio Perón e seu “*otro yo*”:



(El Otro Yo del General In: BURKART, 2011:67)

Em comparação ao “Dr. Merengue” essa caricatura desenha Perón como um fanfarrão monstro de duas caras, onde seus salientes chifres não ocultam as relações extraconjugais de sua esposa Evita⁸. A mensagem alude à ideia de que, se nem Perón era capaz de controlar os “instintos femininos” de sua esposa, seria pouco viril para controlar a República Argentina.

Já os quadrinhos do curitibano Chichorro demonstram uma atitude política mais representativa no interior do seio familiar. No início da “Revolução de 30” seu personagem

⁸ Eram recorrentes as suspeitas lançados pelos antiperonistas acerca da infidelidade entre o casal Perón. Segundo Capelato, “o ‘mito negro’ retratava Eva como a mulher cujos instintos eram descontrolados; suas emoções explodiam com violência. O sexo a dominava e por meio dele dominava os outros [...] A ênfase na promiscuidade tinha como alvo macular a imagem da pureza consagrada pelo mito peronista” (2009: 304).

“Chico Fumaça” havia pego em armas para livrar-se do jugo da despótica “República Velha”, obviamente representada pela descontrolada figura feminina de “Marcolina”:



(O Fumaça Adheriu à Revolução. In: BÓIA, 1994: 20)

Nessa charge Chichorro repete a conhecida fórmula de articulação entre gênero-política onde o desgoverno da mulher/república é visto como opressor, somente um “homem forte” seria capaz de dominá-la e fazer com que se ajoelhe a seus pés. Tal homem haveria de ser o Chico Fumaça, representando a “revolução de Vargas”. É por essas mesmas tramas de humor entre os universos do público e do privado que Chichorro muda de posição em pouco tempo e apresenta sua desilusão com a política varguista, desta forma, denuncia a harmonia do lar e os sagrados valores da masculinidade trabalhadora e incorruptível:



(O Emprego. In: BÓIA, 1994: 63)

Já no primeiro quadrinho o “Fumaça” reclama da “situação financeira” e, como “provedor do lar”, promete encontrar um emprego. Tal promessa é descumprida no momento em que o personagem evita a labuta e compra presentes para suas “acumulações amorosas”, por fim, não é surpresa que seja espancado por Marcolina, que repete a dose em quase todas as tirinhas posteriores. Mesmo que essa charge tenha um propósito, comercial já que faz propaganda ao *Louvre*, podemos também perceber uma indireta crítica à política econômica, à

falta de escrúpulos morais do personagem masculino e sua posição de subalternidade à uma mulher/república que lhe espanca e volta a reprimi-lo violentamente da mesma forma que fazia nos tempos da “República Velha”.

Tanto nas charges de Divito quanto nas de Chichorro podemos perceber que as desavenças imperam a partir de todo tipo de conflito, especialmente pela violência física entre homens e mulheres, em situações muito reversas ao harmônico mito da família feliz incansavelmente propagandeado pelo varguismo e pelo peronismo. É por tais jogos de reflexão entre público e privado que os quadrinhos de Chichorro e Divito realizam questionamentos bastante criativos dirigidos aos seus respectivos regimes, ainda que continuem reproduzindo muitos estereótipos machistas presentes naquelas sociedades. Se concordarmos com Martins (2011) quando comenta que o poder daqueles líderes da nação se legitimava a partir de um argumento patriarcal fundado numa concepção específica de gênero, família e sociedade, então é justamente pelo riso a tais concepções que encontramos um ataque, mesmo que indireto, aos argumentos que sustentam o poder emocional de tais líderes. Ora, se a historiografia nos mostra que houve extrema preocupação e esforço, tanto varguista quanto peronista, em reprimir as manifestações desses “*boateiros mentirosos*”, certamente é porque suas ações causavam algum prejuízo de ordem simbólica/discursiva em tais regimes. Se para Foucault o “*discurso é aquilo pelo que se luta*” e a partir dele as realidades podem ser modificadas (1997: 22), então é justamente na busca do domínio deste discurso que encontramos a tensão entre os quadrinhos e a política. Nesse campo podemos encontrar uma batalha discursiva entre os argumentos sentimentais e sacralizadores do poder paternal do chefe/pai da nação e os contra-argumentos profanadores dos “insubmissos” chargistas que teimaram em questionar os reais progressos sociais e econômicos dos novos regimes, que não se privaram de ridicularizar a sagrada autoridade dos homens desvirilizados e obedientes ao mando e ao “rolo de macarrão” das mulheres, em outras palavras: tais chargistas, direta ou indiretamente, riram e ridicularizaram o carisma, o poder e a paixão paternalista. Ao ridicularizarem as mulheres enquanto violentas e dominadoras e os homens como fracos e desprezados os quadrinhos criavam um discurso que simultaneamente criticava o paternalismo e reforçava as discriminatórias hierarquias de gênero, família e masculinidade presentes na estrutura de poderes das sociedades brasileira e argentina da época.

Considerando o pressuposto do filósofo Henri Bergson que percebe o riso como um fenômeno social relativo “*aos costumes, às ideias – aos preconceitos de uma sociedade*” (BERGSON, 2001: 103-104), pensamos ser possível encontrar pontos de conexão entre tais “*preconceitos sociais*”, as charges, os discursos políticos e as hierarquias de gênero, a partir da psicanálise freudiana, posto que compreende o chiste e as imagens jocosas enquanto uma forma de liberar as pulsões agressivas (FREUD, 1996), especialmente contra as figuras do

poder emanado pelo pai, enquanto uma forma consciente de explorar os mecanismos do inconsciente.

Nesta mesma linha freudiana, os historiadores da arte Ernst Kris e Ernst Gombrich passam a definir o desenho de humor “*como um processo no qual, sob influência da agressão, estruturas primitivas são utilizadas para ridicularizar a vítima. Assim definida, a caricatura é um mecanismo psicológico, antes mesmo de ser uma forma de arte*” (KRIS; GOMBRICH, 1938)⁹. Desta maneira, as charges realizariam um exercício psicanalítico de ataque à figura do pai, para Vladimir Propp, o riso possui a capacidade de contrariar as regras morais e diminuir a autoridade daquele que é seu alvo (1992). Assim analisamos as charges de Chichorro e Divito como sofisticados meios de ridicularizar hábitos e práticas políticas, sociais e cotidianas de sujeitos dóceis aos ditames de seus regimes, bem como formas sutis de rir da autoridade paterna assumida pelos regimes varguista e peronista, profanando-os direta ou indiretamente. Desta maneira os quadrinistas realizam um “*parricídio simbólico*”, um exercício político e psicanalítico que busca retirar a autoridade e o poder legitimado das mãos do pai/líder para trazê-lo de volta à risível esfera do cotidiano.

⁹ É importante salientar que Gombrich renegou seus estudos com Kris em virtude de sua mudança de posição teórica. Em seus escritos posteriores o autor retorna à questão da charge e do humor para inseri-las em sua teoria dos *schema*. Cf. “O Arsenal do Caricaturista” In: (GOMBRICH, 1999: 127-142).

FONTES/DOCUMENTAÇÃO

- BÓIA, Wilson. *Alceu Chichorro: Charges*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.
- CLASSICOS DEL HUMOR ARGENTINO. Buenos Aires: Record Ediciones, 1994.
- DEPARTAMENTO NACIONAL DE PROPAGANDA (DNP), Cartilha *O Brasil é Bom*, 1938.
- _____ *Cultura Política*, 1941.
- _____ *Cartilha Getúlio Vargas para Crianças*, 1942.
- DOMINGUES, María Alicia. *Niños felices: Manual Peronista*. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1953.
- LA NACIÓN ARGENTINA. Publicación Especial Comemorativa, 1950.
- NUEVA BIBLIOTECA CLARÍN DE LA HISTORIETA. *El Outro Yo del Dr. Merengue*. Buenos Aires, Arte Gráfico Editorial Argentino s/a. 2006.
- PÉREZ, Leopoldo. *Getúlio Vargas: O Homem e o Chefe*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944.
- PERÓN, Eva. *La Razón de Mi Vida*. Buenos Aires: Docencia, 2004.
- PERÓN, Juan Domingo. *Habla Perón*. Buenos Aires: Ediciones de la Liberación, 1973.
- _____ *Mensajes del Coronel: J.D. Perón al Pueblo Trabajador*. Buenos Aires: Pequén, 1984.
- SCILINGO, Francisco: *Perón, Arbitro del Mundo*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Vigor, 1947.
- SILVA, Gastão Pereira. *G. Vargas e a Psicanálise das Multidões*. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1938.
- VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, s/d.
- VIDELA, Graciela Albornoz. *Evita: Libro de lectura para primer grado inferior*. 1953

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA

- ACORSI, Diego. Los Autores/Divito. In: *Nueva Biblioteca Clarín de la Historieta*. Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino s/a, 2006.
- ANSART, Pierre. *La Gestion des Passions politiques*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1983
- _____ *Psychanalyse et science politique: la querelle des frontières*. In: DUPART, Gérard (Dir.). *Connaissance du Politique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990
- BAHLS, Aparecida Vaz da Silva; BUSO, Mariane Cristina. *Factos da Atualidade: Charges e Caricaturas em Curitiba, 1990-1950*. Boletim da C. Romário Martins V. 33, N.42. Curitiba: FCC, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio Sobre a Significação da Comicidade*. São Paulo: M. Fontes, 2001.
- BÓIA, Wilson. *Alceu Chichorro*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1998.
- BOTTON, Traços modernos: a tensão entre sociedade e indivíduo nos quadrinhos do portenho Divito In: *XXVIII Semana de História: modalidades de cultura histórica*, UNESP-Assis, 2012.
- _____ *Resenha "O Declínio do Homem Público"* In: *Antíteses*, Vol. 3, n. 5, 2010, p. 623-633.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.
- BURKART, Mara. Caricaturas de Perón en Satiricón. In: *Papeles de Trabajo*, n. 7, 2011, p. 44-73.
- CAPELATO, Maria helena Rolim. *Multidões em Cena: Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- _____ *Populismo latino-americano em discussão*. In: FERREIRA, J. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

- CONNELL, Robert. *Masculinidades*. México: Ed.UNAM, 2003.
- DELEUZE, Gilles GUATTARI, Félix. *Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: 34, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006
- _____. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GAY, Peter. *Freud para historiadores*. São Paulo: Paz e Terra, 1989
- GOMBRICH, Ernst; KRIS, Ernst. The Principles of Caricature. In: *British Journal of Medical Psychology*, Vol. 17, 1938, pp.319-42.
- GOMBRICH, Ernst Hans. *Meditações sobre um Cavalinho de pau e Outros Ensaios sobre a Teoria da Arte*. São Paulo: EdUSP, 1999.
- GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da Modernidade: na fronteira entre o público e o privado. IN: NOVAIS, F. (Coord.), SCHWARCZ, Lilia (org.). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*. São Paulo: C. das Letras, 2007, p. 489 - 557.
- GONÇALVES, Daniele Leonor Moreira; SENNA, Flávio Luiz de Oliveira; Miranda Alan. O lado cômico de Vargas: proposta de análise de charges na revista Careta. In: *Contemporâneos*, n. 4, 2009.
- GUATTARI, Felix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LEFORT, Claude. *Pensando o Político: Ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LEHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Ed. Papyrus, 1986.
- MAGALHÃES, Luciana Pokorny. *A Subversão Ilustrada: A iconografia caricatural confiscada pelo DEOPS/SP e a repressão na era Vargas (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2007.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. Nem minotauro, nem maternal: repensando o conceito de paternalismo no contexto da formulação das políticas da maternidade. In RIAL, Carmem; PEDRO, Joana Maria; AREND, Sílvia Maria F. (Orgs.) *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. 171-188.
- McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 2004.
- NOGUEIRA, Andrea de Araujo. *Humor e populismo: O desafio diário nas charges de Nelo Lorenzon (1948-1960)*, Tese (Doutor. em Comunicação) – ECA. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.
- PIÑERO, María del Pilar. *La Historia Detrás de la Historieta: Análisis de El Otro Yo del Dr. Merengue y su contexto Histórico*. Buenos Aires: UAI, 2007.
- PLOTKIN, Mariano Ben. *Mañana es San Perón*. Buenos Aires: Ariel, 1994.
- PRADO, Maria Ligia Coelho (org). *Vargas & Perón: Aproximações e Perspectivas*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- SALIBA, Elias Tomé. A dimensão cômica da vida privada na República. IN.: Novais, Fernando (Coord.), SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea* (Vol. 3). São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 289 - 366.
- SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SEBRELI, Juan José. *Los deseos imaginarios del peronismo*. Buenos Aires: Legasa, 1985.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.